

História Ensino e Identidade nas Escolas Quilombolas

Julia Bueno de Moraes Silva *

Resumo

Esse estudo constitui uma reflexão sobre a função do ensino de história nas escolas quilombolas, com a finalidade de observar/perceber se o ensino de história é utilizado como instrumento de valorização da identidade afro-descendente. Investigamos a relação entre o lugar e a educação, questão fundamental para a prática pedagógica. Refletiremos também, sobre a função da história enquanto oferecedora de uma orientação temporal aos quilombolas e não quilombolas, moradores e frequentadores da escola no território quilombola. Trabalharemos ainda a função que se propõe ao ensino de história e a valorização da identidade negra a partir da Lei 10.639/03, como um processo de construção, e ainda uma discussão entre identidade e representação.

Palavras chaves- historia, ensino, identidade

Abstract

This study represents a reflection on the role of history education in Quilombolas schools, in order to observe and understand the teaching of history as a tool for the development of an African-descendent identity. We investigated the relationship between education and location, key issues in educational practice. We also reflected on the role of history education as a time-line for quilombo as well as non-quilombo residents and visitors of the school and the Quilombola territory. Finally, we investigated the value of an African identity to the teaching of history as outlined in the 10.639.03 statute. Specifically, we analyze the impact of history education on the African-descendent identity in the context of a constructive process and discuss the relationship between identity and representation.

Palavras chaves: history, identity, teaching history

Introdução

As origens e o aparecimento do ensino de história, são temas recorrentes para autores como FONSECA; BITTENCOURT; SCHIMIDT & CAINELLI. Para eles, há uma diferença entre o conjunto de saberes que aparecem na antiguidade, ou na Idade Média e não constituem uma disciplina no sentido contemporâneo do termo que seria definido como; *um conjunto de conhecimentos identificados por um título ou rubrica e dotado de organização própria para o estudo escolar, com finalidades específicas ao conteúdo que trata de formas próprias de apresentação* (FONSECA:2003;15). Conceituada assim a história/ensino aparece no século XVIII, fundamentada em correntes como positivismo e marxismo¹, e a partir daí tem

* Aluna do programa de doutorado da Unb, professora da Universidade Estadual De Goiás e da Unievangelica.

¹ Para os historiadores positivistas os fatos levantados encadeiam numa relação determinista de causas e consequências. A história escrita é uma sucessão de acontecimentos isolados, relatando sobretudo os feitos políticos dos grandes heróis, grandes datas de grandes batalhas. Já os historiadores marxistas consideram que a história é resultado de um processo dinâmico, dialético, no qual cada realidade social traz dentro de si o princípio de sua própria contradição.

permanecido nos currículos escolares dos diferentes níveis de ensino, passando por mudanças significativas quanto a métodos, conteúdos e objetivos, buscando atender as múltiplas relações da história com as várias dimensões da sociedade.

Histórico da disciplina

Da Idade Média ao século XVII, a história apoiava na religião e imperava uma credulidade geral à história escrita, que era o registro dos milagres e do impossível. No século XVIII, com as mudanças sociais e com avanço da burguesia, surge o iluminismo, corrente filosófica que procura mostrar a história como sendo o desenvolvimento linear progressivo e ininterrupto da razão humana. No século XIX a luta pela unificação e o nacionalismo estimulam o interesse pelo conhecimento do passado, cada nação deseja conhecer e caracterizar o espírito de cada povo, e a busca pela legitimação de um povo em um território, a história é o mecanismo que possibilita a criação do estado-nação. Ainda no século XIX com a efetivação da sociedade burguesa e a implantação do capitalismo comercial e industrial surgem os primeiros críticos a essa nova sociedade que cria uma nova visão de mundo baseado em um novo método de estudo: o materialismo histórico², que representa um grande salto para ciência histórica ao chamar atenção para o funcionamento da sociedade de classes esse método passa a constituir um divisor junto aqueles que escrevem e interpretam a história. A ciência história e conseqüentemente a disciplina história somente viria sofrer novo impacto com os historiadores franceses na década de 30 do século XX, quando foi publicado a revista *Anais: Economias, Sociedades; Civilizações*³ que ao invés do estudo de fatos singulares, realizam estudos das estruturas sociais: econômicas, políticas, culturais e religiosas, vendo seu funcionamento e evolução.

Bittencourt, 2004 chama atenção para o fato de que os currículos no Brasil, especialmente os de história, tem seguido o modelo francês, e que as reformulações que ocorreram nos mesmos devem-se ao significado político e social dos currículos escolares que acabam tendo um papel fundamental no direcionamento, não só da disciplina, mas também da própria educação escolar.

² Karl Marx e Friedrich Engels no sex XIX, dão origem ao método materialismo histórico ao estudarem a evolução do capitalismo sua leis de evolução juntamente com as transformação da sociedade burguesa na Europa, estudaram as formas de sociedade anterior ao capitalismo e com isso provocaram uma mudanças significativas na forma de pensar e produzir história.

³ Os trabalhos produzidos pelos historiadores foram publicados na revista e deram origem a escola dos Anais seus grandes iniciadores foram Marc Bloc e Lucien Febvre.

Desde quando foi instituída pela primeira vez no Brasil no Colégio Pedro II (1837), a disciplina história passou por diferentes concepções e tendências historiográficas. No início ensinou – se a história da Europa Ocidental. A história do Brasil não era contemplada. Somente a partir de 1860 as escolas primárias e secundárias começaram a incluir em seus programas a história nacional. Até então a história nacional não era contemplada porque os registros dos fatos que a caracterizam ainda teriam que ser construídos. Com o processo de independência em 1822, o novo Estado Imperial Brasileiro, precisava de um passado que demonstrasse não somente a ocupação do espaço mas também a identidade da recém criada nação. Entre as várias instituições criadas no Brasil a partir de 1808, com a chegada da família real, destaca-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838. Siman & Fonseca 2001, afirmam que *a criação do instituto foi o pontapé inicial, para aquilo que chamaríamos anos mais tarde, e com a maior naturalidade de Historia do Brasil*. O objetivo maior do instituto no ato de sua criação seria criar, inventar uma história para o Brasil. Sandes, 2000 afirma que o IHGB desenvolveria atividades voltadas para *sedimentação do corpo da memória nacional*, o mesmo avalia a criação do instituto como o lugar, o espaço de armazenamento e seleção daquilo que seria divulgado como memória nacional.

No início do século XX, a história integrou-se ao currículo, com objetivo de formação política das elites, a história do Brasil servia para ensinar aos jovens como conduzir a nação. Com a Lei 4.244 de 1942, a História do Brasil, tornou-se mais presente com carga horária de ensino maior e a introdução da História da América. Nos anos 60 professores promoveram debates para repensar a função social e política da disciplina história, mudanças aliando conteúdos e métodos continuaram a acontecer, paralelo as críticas que se seguia á função do ensino de história, principalmente durante a ditadura militar imposta ao país até a década de 80 quando aparecem as propostas curriculares criadas pelos estados e municípios e também, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs – oferecidos pelo governo federal, e que partem de uma nova visão do papel do ensino e da própria educação os novos currículos devem definir o papel de cada disciplina, dentro desse contexto o ensino de História na atualidade baseado nos PCNs, enfatiza cultura, a organização social e do trabalho e noções de tempo/espaço históricos processos que deverão ser introduzidos a partir da alfabetização com parte na constituição de identidades dos educando.

Identidade e Ensino

A história desempenha um papel importante na construção das identidades coletivas e das sociedades humanas. Na França, desde o século XVIII foi estabelecida como disciplina acadêmica, para educação de jovens com o objetivo de formá-los no amor à nação. No Brasil, o ensino de história, também está associado à constituição da identidade nacional. Entendida aqui, como algo que não é imutável, mas constrói –se mediante um processo histórico em uma série de acontecimentos significativos que se gravam na memória coletiva e acabam por configurar o que se denomina identidade nacional. *Todo povo necessita outorgar-se uma identidade que lhe dê coesão, defina seus valores e pautas de vida.* (Revueltas, 1997 *apud* Bittencourt, 2004).

A educação escolar corrobora e participa no processo de construção das identidades, quando estabelece um diálogo com outros espaços culturais, com objetivo de valorizá-los e usá-los para aquisição de conhecimentos, tudo isso por meio de outras linguagens e estratégias. A aproximação dos alunos quilombolas da escola e de um ensino que valorize suas experiências e de seus antepassados, permitirá erigir as bases de uma formação cidadã.

A visão de mundo dos moradores de uma comunidade quilombola não é construída de forma diferente de qualquer outra comunidade, ela é demonstrada através de símbolos de que se utilizam para afirmar sua identidade: relembram o passado, recriam as tradições adaptando-as ao território e a realidade vivida, naquilo que Rüsen, 2001 ao buscar a razão histórica, afirma que o passado subsidia o presente para construir/orientar o futuro. Identidade e ensino são temas que sempre apresentarão aspectos críticos, a serem tratados, pela própria carga política que esses conceitos encerram. Pela via da identidade, os grupos adquirem direitos, conservando seus valores particulares e específicos (Cunha Jr In Romão org, 2005), já ao ensino cabe transmitir os valores culturais, bastante valorizados no mundo ocidental depois da Segunda Guerra Mundial, quando surgiu a defesa das minorias étnicas e o direito de manter as especificidades e particularidades de cada etnia. As identidades culturais têm significados diversos para os diversos grupos sociais e cumpre aos grupos sociais falar das suas identidades (Cunha Jr. In Romão org, 2005)

A relação entre história, ensino e identidade é uma relação de dependência e manutenção - o conhecimento histórico do grupo alimenta a identidade e isso se dá através do ensino onde a história apreendida sustenta a identidade social – daí a importância em se conhecer a história dos afros – descendentes, fato que se tornou obrigatório a partir da sanção

do presidente Luis Inácio Lula da Silva à Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão no currículo oficial de ensino da temática História da África.

Em meio à diversidade de temas e grandeza da história do continente africano torna-se oportuno à escolha ou delimitação de quais as temáticas deverão fazer parte do ensino da história da África nas escolas brasileiras. Cunha Jr é categórico ao afirmar que a história da África que nos interessa é aquela que possibilite a compreensão do Brasil (In Romão org, 2005). Para ele o ensino deverá começar pela luta pela liberdade – os quilombos- depois o estudo das irmandades negras católicas africanas e afros-descendentes; e a história dos afros-descendentes nas lutas nacionais. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovado em 10/03/2004, pelo Conselho Nacional de Educação, a preocupação em definir onde e em que circunstâncias se dará o ensino da história da África nas escolas, o documento é minucioso e em todos artigos faz-se referências a valorização da identidade dos afros-descendentes.

O sucesso das políticas públicas do estado, institucionais e pedagógicas ,visando às reparações, reconhecimento e valorização de identidades , da cultura e da história dos negros brasileiros, depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e aprendizagens, em outras palavras ,todos os alunos negros e não negros de quilombos ou não, bem como seus professores , precisam sentir-se valorizados e apoiados. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovado em 10/03/2004,pelo Conselho nacional de Educação)

A educação em comunidades negras rurais tem como prioridade entender o lugar como componente pedagógico, onde o conteúdo não está nos livros que trazem por vezes o registro da história dos quilombos em versões mal contadas, imprimindo no papel uma ordem de palavras que se tornam visíveis apenas através da escrita. A história dos quilombos tem de estar impressa, visível não apenas nos livros,mas em todos os lugares da escola, de forma a marcar o coração de quem está estudando . É por meio dos significados produzidos pela representação que damos sentido às nossas experiências é a nossa identidade.

Referências Bibliográficas:

- AROSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica : teoria e método**. Tradução Andréa Dore. Bauru: EDUSC,2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História; fundamentos e métodos**.São Paulo;Cortez,2004.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer.São Paulo : Unesp,2002.
- CARBONELL, Charles-Oliver.**Historiografia**.Tradução Pedro Jordão.Lisboa-Portugal:Teorema,1981.
- DIEHL,Astor Antonio. **Cultura Historiográfica - Memória Identidade e Representação**. Bauru-SP: EDUSC,2002.
- FONTANA, Josep.**A história dos homens**.Tradução Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa.Bauru-SP:EDUSC,2004.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte:Autêntica,2003
- GARDENER, Patrick.**Teorias da História**. Traduzido por Vitor Matos e Sá.2.º.Lisboa-Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian,1964.
- REIS, José Carlos.**História & Teoria** Historicismo, Modernidade Temporalidade e Verdade.3.ºed ,Rio de Janeiro:Editora FGV,2007.
- SIMAN, Lana Mara de Castro;FONSECA,Thais Nivia de Lima (orgs) **Inaugurando a História e Construindo a Nação** – discursos e imagens no ensino de História. Belo Horizonte. Autentica, 2001.
- SANDES, Noé Freire. **A Invenção da Nação entre a Monarquia e a Republica**. Goiânia ; Ed da UFG Agencia Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira,2000.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora;CAINELLI,Marlene. **Ensinar História**. São Paulo.Scipione,2004.(Coleção Pensamento e ação no magistério)